

Citicorp debita como prejuízo a dívida do Brasil

Roberto Garcia

Correspondente

WASHINGTON — Numa medida surpreendente, o Citicorp, o maior banco americano e maior credor do Brasil, anunciou ontem que está acrescentando 3 bilhões de dólares de seu capital às suas reservas para enfrentar eventuais prejuízos, a fim de ficar em posição mais flexível para negociar o reescalonamento da dívida dos países do Terceiro Mundo. Embora o presidente do banco, John Reed, tivesse evitado dar a impressão de que essa medida fosse destinada contra um país em particular, especialistas do mercado financeiro a consideraram dirigida diretamente contra o Brasil.

Trata-se de uma atitude decepcionante, porque, em vez de demonstrar confiança em que o processo de negociações produzirá um acordo satisfatório com o Brasil, o Citicorp deixou claro que perdeu sua paciência e que coloca toda a dívida do país na coluna de prejuízos. Isso o torna invulnerável a pressões dos devedores mas pode atrasar por muito tempo o acesso do Brasil aos mercados internacionais de crédito", disse William Cline, do Instituto Internacional de Economia.

Mas outros banqueiros, que falaram ao JORNAL DO BRASIL, sob a condição de que seus nomes não fossem revelados, afirmaram que o gesto seria interpretado de forma diferente. "O banco está mostrando que não espera receber de volta o dinheiro que emprestou ao Brasil. Como é que Reed poderá telefonar para os presidentes de outros bancos

e tentar convencê-los a participar de novas operações de empréstimo para esse país? A estratégia seguida até agora, que buscava uma normalização dos mercados financeiros, foi por água abaixo, disse um vice-presidente de outro grande banco nova-iorquino.

Prejuízo elevado — Com seu gesto, o Citicorp tirou 3 bilhões de seu capital de giro e os depositou no fundo de reservas para perdas eventuais, mais que dobrando num dia um fundo acumulado por muitas décadas. Trata-se de uma medida radical porque, segundo os cálculos do próprio banco, isso provocará um prejuízo de 2,5 bilhões de dólares neste trimestre. Para evitar que seu balancete anual registre um prejuízo tão grande, a diretoria do banco vai vender algumas de suas propriedades a fim de gerar recursos. Graças aos descontos que conseguirá em seu Imposto de Renda, às vendas de propriedades e aos lucros que está obtendo em outras operações, o banco espera limitar os prejuízos resultantes dessa medida a apenas 1 bilhão de dólares, em 1987.

Numa entrevista coletiva, na tarde de ontem, na sede do banco, em Nova Iorque, John Reed disse que a decisão do Citicorp fora comunicada aos governos dos principais países devedores, ao Departamento do Tesouro e ao Banco Central dos Estados Unidos bem como à equivalente americana da Comissão de Valores Mobiliários. Reed afirmou que ela daria maior flexibilidade ao banco para converter dívida em capital acionário nos países devedores, para vender parte dos seus empréstimos a países do terceiro mundo com deságio, bem como

para enfrentar outras alternativas nas negociações. Ele insistiu em que sua atitude não significava que o banco deixará de financiar países do Terceiro Mundo, visto que continua apoiando a iniciativa Baker e as negociações atualmente em andamento com países latino-americanos.

Agora que o maior banco tomou essa atitude, outros grandes bancos americanos e estrangeiros ficarão sob enorme pressão para adotar a mesma política. O problema é que nem todos estão em condições para fazê-lo. Por várias razões, alguns dos concorrentes do Citicorp já estão registrando prejuízos substanciais neste ano e se tiverem que lançar os empréstimos brasileiros na lista de perdas poderiam ter sua solidez questionada.

Um analista de *Wall Street* disse que "uma das coisas que bancos detestam confessar são prejuízos, especialmente prejuízos de vários bilhões de dólares. O que John Reed acaba de fazer foi exatamente isso. Com esse gesto ele confirma sua imagem de homem impetuoso que assume grandes riscos para inovar. Ele demonstra que perdeu a paciência nessas longas negociações à espera que o Brasil venha à mesa de negociações e colocou 3 bilhões de dólares no *vermelho*. Agora o Brasil não poderá pressionar por melhores termos nas negociações, porque o Citicorp já demonstrou que não pode ser intimidado".

Um porta-voz do Citicorp, contudo, insistiu em que essa interpretação é incorreta e que o banco não está mudando sua postura de negociação com o Brasil. "Nunca achamos que o Brasil é a Albâ-

nia, que vai se isolar cada vez mais. Pelo contrário, consideramos que o governo Sarney suspendeu o pagamento da dívida porque não tinha dinheiro. Vamos continuar operando no Brasil e francamente esperamos continuar lá por muitos anos, atuando de forma benéfica tanto para o banco como para nossos clientes tradicionais".

☐ O presidente do Citybank no Brasil, Michael Kelland, esteve com o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, para comunicar a decisão da matriz. Kelland transmitiu a Bresser a mensagem do presidente do Citybank, John Reed, de que o banco continua disposto a colaborar com o Brasil, inclusive com aporte de recursos novos, quando houver a renegociação da dívida.

Bresser redigiu uma nota informando ter dito ao representante do Citybank no Brasil que esta decisão em nada altera a política brasileira sobre dívida externa, nem as relações do Brasil com o Citybank. O ministro afirma na nota que "esta medida segue a tendência dos outros bancos que já vêm constituindo reservas sobre créditos soberanos, reforçando, desta forma, sua posição financeira". Diz ainda que "é do interesse do Brasil que o sistema financeiro internacional se mantenha sólido, para melhor desempenhar o seu papel".